

# **CURSO DE PSICANÁLISE**

## **FILOSOFIA**



**UNILOGOS<sup>®</sup>**

---

Intelligence Educational

# INTRODUÇÃO A FILOSOFIA

## FILOSOFIA: ATIVIDADE MILENAR DE INVESTIGAÇÃO

### Concepções da palavra Filosofia:

Em primeiro lugar, Filosofia é uma palavra grega, formada por filia (amor) e sofia (saber). Os historiadores da Filosofia dizem que o primeiro filósofo foi Tales, natural de Mileto, Grécia. Isso coloca a origem da Filosofia no final do século VII a.C. e início do século VI a.C. Sua indagação era a respeito da origem e ordem do universo. O nome dado para esse conhecimento era: cosmologia. Outra palavra grega: cosmos significa mundo ordenado e organizado. Logia, que vem da palavra logos, significa palavra, discurso, pensamento organizado. Alguns traduzem por razão. Tales de Mileto se preocupava com a ordem do universo e com seu funcionamento. Para Tales, o elemento fundamental, de onde todas as coisas vêm, é a água.

Os historiadores classificam os primeiros filósofos em escolas, levando em consideração os pontos convergentes entre eles. Tales pertencia à Escola Jônica (da região dos gregos jônicos, na costa ocidental da Ásia, na época do Império Persa, hoje Turquia). À mesma escola pertenciam Anaximenes e Anaximandro, ambos de Mileto e Heráclito, que era de Éfeso. Tales e seus colegas milésios, consideravam o Universo do ponto de vista estático, ou seja, procuravam determinar o elemento primordial, a matéria primitiva de que são compostos todos os seres: terra, ar, água e fogo. Já Heráclito (entre século V e VI a.C.) tinha um ponto de vista dinâmico da realidade. Preocupava-se com a causa fundamental da constante mudança de tudo. Por que tudo muda? A causa do movimento contínuo estaria na oposição dos elementos, na luta entre os opostos.

Mas todos, tanto os do ponto de vista estático ou o dinâmico, ao investigar o cosmos recorriam às diversas ciências disponíveis na época, como a matemática, física, astrologia, etc. Isso quer dizer que o filósofo não tinha formação em um só saber; ele dispunha das ciências conhecidas da época, de tal modo que o filósofo não tinha especificidade em seu saber, procurava dominar saberes que auxiliavam na compreensão do mundo. A especificidade dos estudos em diferentes ciências é coisa moderna. Antigamente a formação era mais ampla. E na medida em que a Filosofia foi se constituindo como um saber organizado, houve necessidade de sistematizá-la. Isso ocorreu em torno do século V a.C. e IV a.C.

## Atividade filosófica

A atividade filosófica acompanha o ser humano na trajetória do desenvolvimento do seu saber. É o modo como a pessoa, que quer conhecer a realidade, se dirige a ela. É INDAGAÇÃO e REFLEXÃO. Indagar é a atitude de procurar saber, tentar descobrir, investigar, pesquisar, averiguar. Portanto, a INDAGAÇÃO filosófica, inerente à atitude de quem quer buscar o conhecimento, caracteriza-se pelo perguntar o que a coisa, ou valor, ou a ideia, é. A Filosofia pergunta qual é a realidade ou natureza e qual é a significação de alguma coisa, não importa qual; perguntar como, a coisa, a ideia ou o valor, é. (...) Perguntar por que a coisa, a idéia ou o valor, existe e é como é. A Filosofia pergunta pela origem e pela causa de uma coisa, de uma ideia, de um valor. (Chauí, Convite à Filosofia, p. 14).

A atitude filosófica de INDAGAÇÃO faz parte de qualquer ciência que pretenda investigar determinada realidade. INDAGAÇÃO é uma postura científica.

O outro lado da atividade filosófica é a REFLEXÃO. A REFLEXÃO é o movimento da volta do pensamento para si mesmo, se interrogando a si mesmo, sobre seu próprio pensamento, sobre sua ação no mundo e sobre as relações que estabelece com os outros seres e sobre os fatos e acontecimentos. REFLEXÃO é o retorno do pensamento para si mesmo aprofundando suas análises. Esta atividade é mais particular da Filosofia.

A REFLEXÃO movimenta-se em torno de três conjuntos de perguntas ou questões:

1. Por que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos e fazemos o que fazemos?
2. O que queremos pensar quando pensamos, o que queremos dizer quando falamos, o que queremos fazer quando agimos? Isto é, qual é conteúdo ou o sentido do que pensamos, dizemos e fazemos?
3. Para que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos, fazemos o que fazemos? Isto é, qual é a intenção ou a finalidade do que pensamos, dizemos e fazemos? (Chauí, Convite à Filosofia, p. 15).

Por isso se diz que a REFLEXÃO filosófica é radical, pois busca as raízes da capacidade e finalidade humanas para conhecer e agir. Quais são as razões, o sentido e a finalidade de nossas ações? Essa é a atividade reflexiva da Filosofia.

Para que a atividade filosófica de INDAGAÇÃO e REFLEXÃO possam resultar

em um acréscimo de saber, é preciso que sejam realizadas de forma sistemática, isto é, com precisão, fundamentação racional e com rigor lógico entre enunciados e pensamentos. Dessa forma, nossa experiência cotidiana, nossas crenças e opiniões podem alcançar visão crítica de si mesmas e ultrapassem as características do senso comum.

Igualmente fundamental na atividade filosófica (como condição necessária!) é a postura de busca diante da realidade. Nesse sentido, vejamos como Sócrates enxerga a atividade filosófica, e como sua colocação é pertinente para a aproximação de qualquer saber.

Inicialmente, vamos situar Sócrates em seu contexto. Quem conta os detalhes de sua vida é Platão, uma vez que Sócrates não deixou nada escrito. Platão foi o discípulo mais importante dele. Viveram entre o final do século VI e início do século V a.C. Pois bem, Platão, no seu livro *A defesa de Sócrates*, descreve a experiência fundamental na qual o seu mestre encontrou o sentido da atividade filosófica.

Indo consultar o oráculo de Delfos, Sócrates ouve a voz (interior) do daímon, que lhe transmite a mensagem de Apolo: “Sócrates é o homem mais sábio entre os homens”. Espantado, Sócrates procura os homens que julgava sábios (políticos e poetas, cuja função é ensinar e guiar os outros), consulta-os para que lhe digam o que é a sabedoria. Descobre, porém, que a sabedoria deles era nula. Compreende então, o que daimon lhe diz: “Agora já sabes por que és o mais sábio de todos os homens. Sócrates compreende, enfim, que nenhum homem saiba verdadeiramente nada, mas o sábio é aquele que reconhece isto. O início da sabedoria é, pois “sei que nada sei”. (Marilena Chauí, *Introdução à história da Filosofia*, p. 142).

Será que Sócrates estava assinando atestado de ignorância? É certo que não! O que ele quis dizer é que não podemos nos contentar com as coisas do modo como chegam até nós; devemos interrogá-las como se nada soubéssemos. É bom notar que esse “como se nada soubéssemos” não é modéstia: é uma postura que se tem diante do saber. Início como não sabedor para perseguir o saber. Se há amor-pelo-saber, haverá insistente procura por ele. E só vai atrás do saber aquele que está consciente que não o tem. Consciente de que há equívocos nos saberes – “sei que nada sei” -, o filósofo deve perseguir apaixonadamente a verdade no saber. Portanto, a atitude filosófica nos leva ao cerne da compreensão das coisas. Só faz esse trajeto quem se aproxima com a abertura necessária para o aprendizado. Se se chega com as opiniões formadas, com pré-juízos e a pretensão de que não há mais nada para saber, faltará o desejo necessário para a construção do conhecimento. Sem amor-

pelo-saber, não há saber. Sem o binômio amor-saber, não há filosofia.

A Filosofia como caminho: das aparências para as essências

Como vimos, Platão (século V a.C.) foi discípulo de Sócrates, responsável pelo registro das informações e ditos do mestre. Mas será que ele apenas repetia o que Sócrates dizia ou deu continuidade às ideias do mestre? Deu sim! A propósito, isso sempre acontece com a Filosofia: quando determinado pensador estabelece seu pensamento, logo vem outro para discutir as questões estabelecidas. Uma Filosofia se estabelece sempre a partir de um momento anterior do pensamento. O filósofo parte do estabelecido para interpretar o novo em sua realidade, ou então, interpretar aquilo que não foi abordado pelo anterior. Não faz sentido falarmos em progresso da Filosofia. Sua atividade é construída continuamente, pensador após pensador. Assim caminha a Filosofia (do mesmo modo como todas as ciências!)

Vejamos, a seguir, uma das temáticas de Platão que se encontra no texto intitulado República, livro VIII: o mito da caverna.

Imaginemos uma caverna subterrânea onde, desde a infância, geração após geração, seres humanos estão aprisionados, com pernas e pescoços algemados, sem que possam olhar a não ser para frente, cuja visão é a do fundo da caverna. Pela entrada entra um pouco de luz exterior, permitindo, na semi-obscuridade, enxergar o que se passa no interior. Atrás deles, há uma mureta parecida com um palco; por trás do muro, pessoas passam conversando e carregando nos ombros figuras de homens, mulheres, animais, cujas sombras não projetadas na parede da caverna. Os prisioneiros julgam que essas sombras são as próprias coisas externas, e que os artefatos projetados são os seres vivos que se movem e falam. Um dos prisioneiros consegue fugir e, movido pela curiosidade, vai até a porta da caverna. Incrível!!! Após a breve cegueira por causa da luz do sol, fica perplexo com tanta beleza de cor e movimento. Observa que as imagens que via na caverna eram apenas sombras de uma realidade muito interessante e perfeita. Volta rapidamente e conta a visão aos seus amigos. Não deu outra, acharam a história ridícula. Preferem crer que as coisas são do modo como vêem dentro da caverna.

Platão entende que a atividade filosófica está no sair do transfigurado mundo das aparências em direção ao esclarecimento do mundo inteligível, que, para ele, é o outro mundo Ideal, onde estaria a Justiça, o Bem, a Beleza, a Verdade: onde estaria a essência ou o fundamento da realidade, a realidade em si. Os olhos foram feitos para ver, a mente foi feita para conhecer. Os

olhos estão destinados à luz do sol, a mente, ao brilho das idéias. Mas, sua grande contribuição diz respeito à necessidade humana de ultrapassar o mundo das aparências para alcançar a essência.

Os primeiros filósofos tinham preocupações diversificadas. Tales e os demais Pré-Socráticos (antes de Sócrates) buscavam explicar a totalidade das coisas: a origem e ordem do universo (hoje preocupações da física!). A partir de Sócrates a filosofia volta-se para a problemática humana – natureza, realidade e essência do ser humano. Embora tivessem preocupações diversificadas, todos procuravam analisar a realidade com o intuito de compreendê-la.

A atividade filosófica se caracteriza como análise, reflexão e crítica das condições de compreensão do ser humano, de suas relações, suas atividades e atitudes.

A atividade filosófica capta a Filosofia como análise (das condições da ciência, da religião, da arte, da moral), como reflexão (isto é, voltada da consciência para si mesmo para conhecer-se enquanto capacidade para o conhecimento, o sentimento e a ação) e como crítica (das ilusões e dos preconceitos individuais e coletivos, das teorias e práticas científicas, políticas e artísticas), essas três atividades (análise, reflexão e crítica) estando orientadas pela elaboração filosófica de significações gerais sobre a realidade e o seres humanos. (Chauí, Convite à Filosofia, p. 17).

Três expressões importantes: analisar, refletir e criticar. E como se faz isso? Primeiramente, é preciso aprender a indagar. Indagar é fazer perguntas, tantas quantas forem necessárias para apropriar-se do sentido daquilo que se investiga. As indagações mais comuns são: o que? Por que? como? E refletir é a ação de voltar o pensamento sobre si mesmo, visando, com as perguntas, questionar os motivos, as razões e as causas do conhecer e agir humanos. A Filosofia procura sair do senso comum para atingir maior profundidade de análise, reflexão e crítica sobre determinada ação ou postura humana.

### Um breve percurso na história da Filosofia grega

Procuramos apresentar a Filosofia sob a perspectiva de: sua historicidade, construção e diversidade. Historicidade significa que o conhecimento filosófico se desenvolve em determinados contextos históricos e sociais, ou seja, a Filosofia não tem nada a ver com previsões futuristas, muito menos com revelações divinas. A Filosofia tem seu caminho no diálogo e não no

progresso. A importância de se observar a história da Filosofia está, justamente em ver como os diversos filósofos dialogam entre si e com a sociedade e cultura de seu tempo.

Se o conceito de progresso não faz sentido para a Filosofia, já o do progresso cabe muito bem. E como processo, a Filosofia não possui a limitação de início e fim, pelo contrário, ela está em contínuo percurso ou construção, onde os avanços e retrocessos se determinam e são determinados pelas condições históricas em que ela se dá. Ao olharmos para a Idade Média, por exemplo, podemos dizer que, em termos de Filosofia, não foi um período de grandes avanços, levando em consideração os quase sete séculos. E isso se deu, por causa das condições históricas favoráveis para tal avanço. Mas, também não podemos dizer, como se costuma, que foi um período de ignorância e escuridão em termos de pensamento. Este período trouxe a sua contribuição para o avanço do conhecimento, e com ele, os filósofos posteriores mantêm diálogo.

Essa segunda perspectiva, a da construção, revela o caráter inacabado da Filosofia, à semelhança de todas as demais ciências. Isso quer dizer que a Filosofia, uma vez que é historicamente determinada, resulta de um processo de construção que se estabelece no conjunto das relações do ser humano consigo mesmo, com outros e com a natureza.

Sendo cada filósofo situado historicamente, sujeito a diversos fatores, não há como ver a Filosofia num caminho linear e homogêneo. Não há como fazer o trajeto puro da Filosofia, como se ela não estivesse relacionada a mais nada. Essas relações diversificadas que se estabelecem nela mesmo e com as ciências humanas, sociais, biológicas, etc, determinarão sua construção na diversidade.

Nenhum conhecimento dará conta da amplitude da realidade humana. A Filosofia faz parte da aventura humana, junto com outros saberes, ciências e conhecimentos. Cada um, buscando dar conta de uma dimensão da humanidade e sob determinada perspectiva. É nessa diversidade de concepção e de conhecimentos que enriquecemos a compreensão de nós mesmos, dos outros e da natureza.

As grandes divisões da Filosofia ocidental são duas: a Filosofia antiga ou grega e a Filosofia ocidental propriamente dita. A antiga é dividida em 4 períodos: cosmológico ou pré-socrático, antropológico ou socrático, sistemático e helenístico ou greco-romano.

Filosofia antiga (do século VI a.C. ao século VI d.C.)

Este período compreende o nascimento da Filosofia grega. São quatro os períodos:

***Cosmológico, Antropológico, Sistemático e Helenístico***

Cosmologia (final do século VIII ao final do século V a.C.)

Só podemos entender as preocupações filosóficas nascentes se atentarmos para as condições sócio-históricas deste período grego. As perguntas não nascem de repente. São elaboradas no interior de um processo de mudanças no pensamento grego, provocado por seus avanços no campo econômico (artesanato, comércio, navegação) e organização política. Iniciam a busca para as explicações racionais sobre a origem, ordem e transformação da Natureza. Indagando sobre a origem e as mudanças características dos seres humanos. Faz parte deste período Tales de Mileto. Os filósofos deste período também são chamados de Pré-Socráticos, pois viveram antes do filósofo grego Sócrates.

Pela forma de abordar e solucionar as indagações à respeito da Natureza, os historiadores classificam estes filósofos em quatro escolas: 1ª Escola Jônica; 2ª Escola Itálica; 3ª Escola Eleática; 4ª Escola Atomística. Há também um grupo que não chega a ser uma escola, mas que foi importante para a história da Filosofia: os Sofistas, que representam uma fase de transição, como veremos a seguir. As escolas gregas eram verdadeiras comunidades cúlticas; possuíam elementos rituais e filosóficos. Seus membros tinham o compromisso de viver de acordo com as doutrinas de seus mestres, para que na vida prática, as doutrinas encontrassem coerência e consistência. A relação teoria-prática era levada às últimas consequências. Portanto, mesmo que não houvesse linha de pensamento, já havia agrupamentos em torno de determinadas buscas de respostas.

Tales, pertencia à Escola Jônica. Na mesma escola encontramos Anaxímenes e Anaximandro, ambos de Mileto e Heráclito, que era de Éfeso. Os filósofos da Escola Itálica eram Pitágoras, natural de Samos, Filolau de Crotona e Árquitas de Tarento. Da Escola Eleata: Parmênides e Zenão, ambos de Eléia. Pertencem à quarta Escola os filósofos Leucipo (cuja naturalidade é incerta entre Abdera e Mileto) e Demócrito. Alguns historiadores englobam outros filósofos com os atomistas e chamam-na Escola da Pluralidade.

Cada escola e cada filósofo, tinha uma forma de explicar a origem do cosmos.

Como já vimos antes, Tales e seus colegas da Escola Jônica, consideravam o Universo a partir de dois pontos de vista: o estático e o dinâmico. Tales, Anaximandro, Anaxímenes, consideravam o Universo do ponto de vista estático, procurando determinar o elemento primordial, a matéria primitiva de que seriam compostos todos os seres. Heráclito, Empédocles e outros jônicos, encaram o Universo no seu aspecto dinâmico, procurando resolver o problema relativo ao movimento e à transformação dos corpos. Queriam entender porque e como era possível a mudança em todos os seres, vivos e não vivos.

Os filósofos da Escola Itálica consideravam o número como fundamento de tudo, isto é, o princípio essencial de que são compostas todas as coisas. Tudo pode ser explicado pelos princípios matemáticos, sendo o Universo uma grande harmonia numérica. Os filósofos da Escola Eleática afirmavam a unidade do Universo, como se fosse uma divindade que dá unidade a todas as coisas, ou seja, expressa um panteísmo ideológico, oposto ao panteísmo naturalista, sendo que é por meio desta unidade universal dos seres que todas as coisas podem ser entendidas. Os filósofos Atomistas tentam conciliar a doutrina dos eleatas com as exigências do senso comum. Ou seja, concordavam que tudo tem uma unidade universal, composta de partes ou elementos minúsculos não divisíveis (átomo). Estes átomos vagueiam no vácuo, tornando possível a existência de todas as coisas. O conjunto de átomos e o vazio, formam uma unidade.

A grande contribuição destes filósofos Pré-Socráticos é a mudança de atitude em relação à natureza. Iniciam a busca de compreensão do Universo. As explicações sobrenaturais dão, aos poucos, lugar para explicações racionais. São os primeiros passos para a construção da ciência (ou ciências!!).

Por fim, os Sofistas, mestres populares da Filosofia, se dedicavam a construir argumentos para defender as idéias, não interessando serem elas verdadeiras ou não. Os sofistas eram esmerados na retórica – a arte de falar bem. Alguns historiadores da Grécia e da Filosofia consideram os sofistas fundadores da pedagogia democrática, mestres da arte da educação do cidadão. Arte e não ciência, pois os sofistas se apresentam como técnicos ou professores de técnicas e não como filósofos. Designa não uma doutrina, mas um modo de ensinar. (Marilena Chauí, Introdução à história da filosofia, p. 122).

Compreende-se a sua atuação se considerarmos que Atenas vive um período de intensa participação política, no auge de sua democracia com Péricles (século V. a.C). É o período da polis grega, ou das cidades-estado da Grécia, cada uma com a sua independência econômica e política. Eles representam uma fase de transição para uma nova ordem de preocupações,

voltadas para o “bem falar” e o “convencer” exatamente em função da vida política da qual todo cidadão devia participar.

### **Antropológico (ou socrático)**

Este período vai do final do século V e todo o século IV a.C. O tema central eram as questões humanas, isto é, a ética, a política e as técnicas. O termo antropológico vem do grego antropos que significa homem. Esta indagação pelo ser humano decorre do desenvolvimento da sociedade grega em seu aspecto urbano, comercial, produtivo etc. esse crescimento da cidade-estado (pólis) exige nova concepção de pessoa, uma vez que suas relações sociais e interpessoais tomam outra forma política. A civilização ocidental vê neste período o maior florescimento da democracia. Criam o sentido de cidadão. Os maiores expoentes desse período são Sócrates e Platão. Sócrates tinha como divisa a expressão encontrada no pórtico do templo de Apolo: “conhece-te a ti mesmo”.

Sócrates fazia perguntas sobre as idéias, sobre os valores nos quais os gregos acreditavam e que julgavam conhecer. Suas perguntas deixavam os interlocutores embaraçados, irritados, curiosos, pois, quando tentavam responder ao célebre “o que é?”, descobriam surpresas, que não sabiam responder e que nunca tinham pensado em suas crenças, seus valores e suas idéias. E Sócrates, respondia às perguntas? Também não. Ao indagar os outros, procura demonstrar que o amor ao saber é feito de perguntas e buscas e não de respostas dogmáticas. Por isso a Sócrates é atribuída a expressão “sei que nada sei”.

Platão, discípulo de Sócrates, indagava pelas idéias perfeitas ou essência, diferentes da opinião e das imagens aparentes das coisas. As idéias, para Platão, se referem à essência íntima, invisível, verdadeira das coisas e só podem ser alcançadas pelo pensamento puro, que afasta os dados sensoriais, os hábitos recebidos, os preconceitos, as opiniões. Enquanto os pré-socráticos buscam ultrapassar as aparências buscando a essência no interior do próprio Universo. Platão busca fora, no “mundo das idéias” ou “mundo da perfeição” (modelo da perfeição). Lembra do mito da caverna?

Tanto Sócrates como Platão consideravam as opiniões e as percepções sensoriais, ou imagens das coisas, como fonte de erro, mentira e falsidade, formas imperfeitas do conhecimento que nunca alcançariam a verdade plena da realidade. Esse período é também conhecido como socrático. Daí o anterior ser pré-socrático.

Sistemático (final do século IV ao final do século III a.C.)

A principal figura deste período é Aristóteles. Seu desafio era transformar a experiência em saber. A Filosofia não é um saber específico sobre algum assunto, mas uma forma de conhecer todas as coisas, possuindo procedimentos diferentes para cada campo das coisas que conhece. Cada campo do conhecimento é uma ciência (ciência, em gregos é episteme).

Em linhas gerais, Aristóteles constrói seu sistema em três pontos:

- 1º) observação fiel da natureza. Aristóteles toma sempre a experiência como ponto de partida para suas teorias, buscando na realidade concreta um apoio sólido para suas ideias.
- 2º) rigor no método. Para Aristóteles, antes de um conhecimento constituir seu objeto e seu campo próprio, seus procedimentos próprios de aquisição e exposição, de demonstração e de prova, deve, primeiro, conhecer as leis gerais que governam o pensamento, independentemente do conteúdo que possa vir a ter, ou seja, ele começa por:
  - a) definir o objeto;
  - b) passa a enumerar as soluções históricas, isto é, as que foram dadas até o momento;
  - c) levanta as dúvidas;
  - d) indica a própria solução; e por último, refuta as sentenças contrárias.
- 3º) unidade de conjunto. Sua preocupação era dar uma unidade de conjunto em sua obra filosófica, ou seja, todas as partes correspondem, se confirmam, formando um sistema.

Para Aristóteles a Filosofia, além de ser o conhecimento da totalidade dos conhecimentos e das práticas humanas, ela também estabelece as diferenças entre esses conhecimentos, distribuindo-os numa escala que vai dos mais simples e inferiores aos mais complexos e superiores. Essa classificação e distribuição dos conhecimentos fixou, para o pensamento ocidental, os campos de investigação da Filosofia como totalidade do saber humano. O estudo das formas gerais do pensamento, sem preocupação com o conteúdo específico, chama-se lógica, e Aristóteles foi o criador da lógica como instrumento do conhecimento em qualquer campo do saber.

Helenístico (final do século III a.C. até o século VI d.C.)

Último período da Filosofia antiga, tendo como contexto o desaparecimento

da polis grega do centro político. Por quê? Primeiro, por causa da expansão do império macedônico, ou alexandrino (Aristóteles fora preceptor de Alexandre Magno) e depois devido à expansão do império romano. Os romanos invadiram e escravizaram, mas também, incorporaram os avanços culturais gregos em sua própria cultura. Por isso valorizavam os filósofos gregos, que se consideravam agora não mais cidadãos da pequena cidade-estado, mas sim do mundo. Por isso, este período é chamado de cosmopolita. Seus temas principais são a ética, o conhecimento humano, a teologia e a religião.

Nesse período temos quatro grandes sistemas que irão influenciar, cada qual à sua maneira o pensamento cristão, que começa a forma-se nessa época: estoicismo, epicurismo, ceticismo e neo-platonismo.

### **Estoicismo**

Originalmente os estóicos eram gregos. Mais tarde foram também romanos. Entre os mais famosos estóicos contam-se importantes imperadores romanos, como por exemplo, Marco Aurélio.

Para o estoicismo apenas a matéria é real, por isso o conhecimento se dá por meio dos sentidos. Decorre daí a regra moral estóica que é a de viver conforme a natureza. Viver de acordo com a natureza, para os estóicos, é viver em harmonia com a razão. O sábio estóico encontra a paz afastando dele tudo o que poderia perturbá-lo, principalmente as paixões, que consideravam movimentos antinaturais, ou seja, doenças da alma. Condenava a escravidão por ser contrária à natureza e idealizava uma comunidade onde todos estivessem unidos pelo amor. Para eles, nem todos eram sábios, mas acreditavam que podiam vir a ser, isso porque a razão é prerrogativa humana. Como nem todos podiam usar adequadamente a razão, cabia à educação a tarefa de desenvolvê-la no cidadão. Isso trouxe avanços significativos para as pessoas durante o período dos imperadores romanos.

### **Epicurismo**

É a doutrina de Epícuro (341-270 a.C.) e seus discípulos. A Filosofia epicurista, como a maior parte das de sua época, destinava-se a assegurar tranquilidade. Considerava que o prazer era o bem, indo a profundas consequências disso. Aqui, no caso, prazer tem mais a ver com ausência de dor, o que já era significativo para o mundo de sua época. Dizia Epícuro que as maiores fontes do medo eram a religião e o terror da morte, os quais se achavam ligados, pois a religião e o terror da morte, os quais se achavam

ligados, pois a religião encorajava a opinião de que os mortos são infelizes. Viveu na época em que as cidades estado estavam em desintegração sob o império alexandrino, criando-se novas relações entre o indivíduo e a sociedade. Os epicuros tratavam de libertar as pessoas da dominação dos deuses e do temor a eles. E lutavam para eliminar a crença na interferência do mundo sobrenatural na vida das pessoas. Não chegaram a negá-lo, mas a distingui-lo. Consequentemente, serão materialistas. Portanto, para o epicurismo, o conhecimento da verdade está baseado em critérios objetivos: a primeira evidência da verdade é a sensação, base inabalável de qualquer conhecimento: os corpos emitem partículas agarradas à sua imagem, os simulacros recolhidos por nossos sentidos. A segunda evidência é a antecipação: ao se repetir, a sensação imprime-se na memória e permite reconhecer os objetos. A terceira é a afeição, o prazer e a dor que nos informam sobre o que convém procurar e o do que convém fugir.

Enquanto os idealistas, como Platão, se apoiavam na auto-suficiência das cidades-estado, os epicuros se apoiavam na auto-suficiência do indivíduo. O homem sábio e feliz se retirava da vida pública, não participava da vida política, senão que “cultivava seu próprio jardim”: controle de sua vida, especialmente da vida interior.

A Filosofia, como Epicuro a compreendia, era um sistema prático destinado a assegurar uma vida feliz; exigia apenas o bom senso, e não a lógica, matemática ou qualquer dos exercícios complicados prescritos por Platão. De todos os prazeres sociais, o mais seguro, para ele, é a amizade.

## **Ceticismo**

Doutrina segundo a qual a mente não pode alcançar a verdade. Deste modo, os cétricos duvidam de todas as formulações das escolas de Filosofia (materialista e idealistas). Esse movimento significa o desmoronamento de todas as convicções. Sua conseqüência na mentalidade grega foi uma espécie de paralisia da ação. Isso levou os cétricos a retirarem-se para os desertos, vestidos de uma simples túnica ou manto, semelhantes a monges medievais. Tinham um estilo de vida simples, e dela esperavam muito pouco. “O futuro”, diziam eles, “é inteiramente incerto. Melhor gozarmos o presente; o que está por vir é ainda inseguro”.

Para explicar a radicalidade do ceticismo grego, imagine um homem de ciência, preocupado com o saber, que diz; “Penso que isto é assim, mas não tenho certeza”. O homem de curiosidade intelectual diria: “Não sei como é, mas espero descobrir”. O filósofo cético diz: “Ninguém sabe, e ninguém

jamais poderá saber”. Atualmente, é pouco provável que encontrem cétricos ao modo grego antigo. Talvez alguns poucos esperançosos, outros um pouco pessimistas, mas cétricos mesmo, não.

## **Neoplatonismo**

A maior expressão de neo-platonismo é Plotino (205-170 d.C.), o último dos grandes filósofos da antiguidade. Viveu no período terrível da decadência do império romano. À sua volta via-se a guerra, doença e traição. Desfalcados, os soldados romanos viam-se à mercê dos ataques germanos e persas. Tragédia fazia parte do cotidiano na época de Plotino. Se havia um lugar bom para se viver, este não era o Império Romano desse período.

Podemos dizer que este contexto leva Plotino a buscar a tranqüilidade da vida na união mística com o Uno ou Unidade absoluta. Para Plotino, o Uno é elevado sobre todos os seres, ser supremo, incognoscível, sem inteligência, nem vontade, mas dotado de bondade que o leva a expandir-se para fora de si, dando a origem à Inteligência, acessível aos seres humanos. Com a nossa inteligência podemos ver a Inteligência do Uno, como se fosse um reflexo dele. Da Inteligência emana a Alma do Mundo, o terceiro e mais inferior membro dessa trindade. Embora inferior à Inteligência, a Alma é autora de todas as coisas vivas; fez o Sol, a Lua e as estrelas, bem como todo o mundo visível. É fruto do Intelecto divino.

Para Plotino, o fim da Filosofia é realizar a (re)união da alma humana no Uno, onde encontrará a verdadeira felicidade. Para tanto, deve passar por três estágios: a purificação, pela qual se desprende de tudo o que é sensível e se une à Alma do mundo; a dialética, pela qual se eleva à contemplação das ideias e se une à Inteligência; o êxtase, pelo qual perde o sentimento da própria personalidade para mergulhar-se inconscientemente na Unidade suprema. O sistema de Plotino deu uma identidade mística ao sistema de Platão. De modo genérico, é um platonismo místico- religioso.

Após esse breve passeio na Filosofia grega antiga, fica claro desde seu início, que o objeto da reflexão filosófica não está centrado num campo específico do conhecimento humano. Seu percurso inicia com a indagação a respeito do cosmos (universo); avança para a indagação sobre o ser humano (antropos), único capaz de conhecer intelectualmente esta ordem cósmica e capaz de organizar esse saber em conhecimentos específicos, chamados de ciências (episteme). Na mudança da ordem social, de cidade-estado para Império Alexandrino e depois Romano, essa ciência foi desafiada a responder pelo bem-estar do ser humano (antropos) na nova ordem da cidade (cosmópolis).

Ou seja, houve uma variação dos temas gerais de reflexão, dentro de circunstâncias históricas específicas.

E não parou por aí. A Filosofia extrapolou os limites geográficos do mundo greco-romano, tornando-se, assim, um patrimônio ocidental.

### **O problema histórico da razão e do conhecimento**

Temos como objetivo compreender os pressupostos epistemológicos que dão base às ações humanas. Vamos refletir sobre a relação entre razão e conhecimento e o modo como determinam as ações humanas. Isso porque nosso pressuposto é de que nossas ações revelam o modo como concebemos a razão e o conhecimento. Em uma palavra, fazemos o que pensamos, e pensamos o que fazemos, mesmo que seja inconsciente – o que acontece muitas vezes, mas a análise da prática revela a teoria e a teoria tende a uma prática.

Nós iremos deter-nos, apenas, na preocupação com a fonte primária (ou gênese) do conhecimento e a maneira como é considerada a relação entre sujeito que quer conhecer e o objeto a ser conhecido. As teorias do conhecimento, quanto à gênese da razão e das ideias, se dividem em duas correntes dominantes, opostas, que consideram dicotomicamente a relação entre o sujeito e o objeto: o racionalismo ou idealismo, que considera o conhecimento proveniente da razão. Aliados a esta concepção, temos Platão, Descartes entre outros. A segunda corrente é o empirismo, segunda a qual o material fundamental do pensamento são as impressões sensíveis, que reunidas formam as percepções e as ideias. Representam esta corrente filósofos como Locke, Hume entre outros.

A partir de Kant, se busca uma síntese que considere os aspectos válidos das duas correntes acima. Nesta direção, avanços são conquistados. Esta síntese busca integrar numa relação dialética, sujeito conhecedor e objeto conhecido na construção do conhecimento. É isso que chamamos terceira via do conhecimento.

Para o desenvolvimento deste tema, vamos recorrer a um clássico da literatura universal escrita por um poeta alemão chamado J.W. Goethe. A razão de usarmos esta peça literária é porque Goethe consegue, por meio de metáforas poéticas, sublinhar os principais elementos do ser humano na modernidade: suas tensões, seus desejos, suas ações, aspirações etc.

Goethe dedicou a maior parte de sua vida escrevendo este livro. Sua

história é baseada numa lenda medieval de que um alquimista, considerado o maior sábio da sua região, havia conquistado tudo o que tinha por ter vendido sua alma ao Diabo, o Mefistófeles. Esse pacto garantiu a Fausto conquistar tudo: riqueza, mulheres, poder, juventude, e o que mais desejava: conhecimento!!! Isso mesmo, desejava profundamente o conhecimento. Isso não quer dizer que ele quisesse ficar mais inteligente, saber mais coisas, etc. Por isso, vamos conceituar a palavra conhecimento:

Dá-se o nome de conhecimento à relação que se estabelece entre um sujeito cognoscente (ou uma consciência) e um objeto. Assim, todo conhecimento pressupõe dois elementos: o sujeito que quer conhecer e o objeto a ser conhecido, que se apresentam frente a frente dentro de uma relação.

Isso equivale a dizer que o conhecimento é o ato, o processo pelo qual o sujeito se coloca no mundo e, com ele, estabelece uma ligação. (Aranha e Martins, Temas de Filosofia, pág. 48).

Na definição acima, conhecimento é relação que se estabelece entre um sujeito que conhece (ou consciência) e um objeto que é conhecido. Isso quer dizer que só é possível conhecimento na medida em que a consciência se coloca diante de um objeto: o cognoscente diante do cognoscível. Todo sujeito se reconhece como tal na medida em que se percebe diferente do outro que está diante dele. Esta percepção de diferença indica que sujeito e objeto estão separados; na medida em que se colocam frente a frente, parece que poderia estar nascendo o conhecimento, mesmo que aparente, incompleto, ou até mesmo falso. E este é o problema fundamental que faz nascer toda a discussão da teoria do conhecimento: qual a gênese do conhecimento? O conhecimento verdadeiro é possível? As respostas foram as mais diversas.

Diante da variedade de interpretações dessa relação sujeito-objeto, resumidamente, temos duas alternativas opostas fundamentais: a idealista e a empirista. Veremos com mais detalhes estas duas vias de conhecimento. Para conduzir nossa elaboração, vamos recorrer ao Fausto escrito por Goethe. Inicialmente, vejamos algo sobre o autor e seu texto, bem como a importância desta obra na modernidade.

Fausto de Goethe é considerado a expressão simbólica da situação humana na modernidade. Para Berman o Fausto de Goethe (...) abre novos caminhos no emergente auto-conhecimento moderno, que o mito do Fausto sempre explorou. Sua imaculada imensidão, não apenas em abrangência e ambição mas na visão genuína, levou Puckin a chamá-lo de "Ilíada da vida moderna"

(Berman, Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura na modernidade, p. 40).

“Fausto é o homem tipo da civilização moderna”. (Otto Maria Carpeaux, in Goethe: Fausto, p. 19).

Historicamente se tem notícias de um tal Fausto, contemporâneo de Lutero (o Reformador Protestante), cientista e astrólogo, condenado pela Reforma que ficou para a memória popular da época como sendo feiticeiro, pois só um pacto com o demônio poderia explicar suas façanhas. Isso acontece em torno de 1506 a 1520. As lendárias proezas deste doutor Fausto tornaram-se contos infantis. Goethe as conhecia e resolveu escrever sobre elas numa peça literária.

A época em que Goethe viveu, meados do século XVII a XVIII, foi qualificada por Adorno e Horkheimer, como uma época de “desencantamento do mundo” (Adorno e Horkheimer, Dialética do esclarecimento, pág. 19), que se constitui traço marcante da modernidade. Nesta época os acordos com os demônios já não faziam mais sentido para a Europa, embora as imagens representativas tenham permanecido no meio cultural, justificando a sua inclusão na peça literária de Goethe.

Fausto começa a ser escrito em 1770, e concluído 61 anos depois, em 1831, um ano antes da morte de seu autor. A obra tem como fundo, todas as tensões do autor em relação a si mesmo e ao mundo em que vivia: a Revolução Francesa, as guerras de Napoleão, os processos de independência das colônias européias são alguns dos exemplos. No âmbito pessoal, Goethe experimentou sua grande frustração por não casar com Friedericke Byron, uma jovem filha de pastor protestante, que ele muito amou. Contudo, percebia em si mesmo grande limitação em fazê-la feliz num relacionamento matrimonial, pois ela era alguém muito distante de sua vocação para as letras. A obra em questão, reproduz o movimento dialético de uma vida, a do autor, e, ao mesmo tempo, de toda a sociedade européia ocidental.

O Fausto de Goethe expressa e dramatiza o processo pelo qual, no fim do século XVIII e início do seguinte, um sistema mundial especificamente moderno vem à luz (Berman. Tudo o que é sólido desmancha no ar, pág. 41). Portanto, vamos ao texto:

1ª Via do conhecimento (Racionalismo ou Subjetivismo: Platão, Descartes e Kant) – “O sujeito vai em direção do objeto”.

O poeta descreve assim a cena inicial: “Num quarto gótico, com abóbadas altas estreitas, Fausto, agitado, está sentado à mesa de estudo:

Ai de mim! da filosofia, Medicina, jurisprudência, E, mísero eu! da teologia,  
O estudo fiz, com máxima insistência, Pobre simplório, aqui estou E sábio como dantes sou!

De doutor tenho o nome e mestre em artes, E levo dez anos por estas partes,  
Pra cá e lá, aqui e acolá Os meus discípulos pelo nariz. E vejo-o, não sabemos nada! (Goethe, Fausto, Villa Rica Editoras Reunidas, pág. 41).

Vamos destacar alguns elementos que servirão para nossa reflexão sobre a teoria do conhecimento na modernidade.

Inicialmente, o doutor Fausto faz uma lista das ciências que ele conhecia muito bem, mostrando uma erudição acima da média das pessoas: Filosofia, Medicina, Direito, Teologia, e que, apesar do estudo feito com máxima insistência ele continuava ai, pobre simplório, tão sábio quanto antes do estudo. Pós-graduado, professor universitário, andando daqui pra ali com seus alunos pendurados nele, conclui: não sabemos nada!

Do mesmo modo como fazia Sócrates, dizia Fausto: Não julgo algo saber direito, mas com sentido diferente do filósofo grego; sua frustração era a de que não possui conhecimento que leve aos homens uma luz que seja edificante. Era essa sua preocupação. Não estava atrás de outro, bens, fama, esplendor; mas do conhecimento que promovesse a vida humana, dando a ela o valor merecido, de tal modo que as pessoas tivessem a possibilidade de uma vida realmente digna, humana, cidadã.

Até aqui podemos dizer que Fausto está frustrado com o conhecimento teórico, racional, ou em outras palavras, com o racionalismo. Para os racionalistas nada existe sem razão de ser e, portanto nada possui, em si, inteligibilidade, a não ser o homem. Para o racionalismo, o pensamento racional é capaz de alcançar a verdade absoluta na medida em que suas leis são igualmente aquelas às quais o real obedece.

Para Descartes, o conhecimento sensível (isto é, sensação, percepção, imaginação, memória e linguagem) é a causa do erro e deve ser afastado. O conhecimento verdadeiro é puramente intelectual, parte das idéias inatas e controla (por meio de regras) as investigações filosóficas, científicas e técnicas. (Chauí, Convite à Filosofia, pág. 116).

Descartes entendia que o ser humano está sujeito a duas atitudes

naturais que resultam no conhecimento falso de um determinado objeto: o preconceito e a precipitação. O preconceito vem a ser a facilidade que o ser humano tem de se deixar levar pelas opiniões e ideias alheias, sem ter a devida preocupação em verificar se são ou não de fato verdadeiras. Estes preconceitos têm origem na sociedade e nas pessoas que convivem conosco. Estas opiniões alheias são uma prevenção ao conhecimento verdadeiro. A outra atitude é a precipitação, que é a facilidade com que nossa vontade nos faz emitir juízos sobre as coisas antes de verificarmos se nossas ideias são ou não verdadeiras; são opiniões que emitimos em consequência da nossa vontade ser mais forte e poderosa que nosso intelecto. Originam-se no conhecimento sensível, na imaginação, na linguagem e na memória. Tanto preconceito quanto precipitação, resistem ao conhecimento verdadeiro: a primeira de origem social, a segunda de origem emocional: ambas atitudes originam o erro.

De acordo com Descartes, para evitarmos os efeitos dessas atitudes a única saída é o exercício pleno da razão, ou seja, fundamentar o saber na razão, única capaz de vencer o preconceito social e precipitação individual. Por isso que, para ele, este conhecimento racional resulta das investigações filosóficas, científicas e técnicas.

Este poder atribuído à razão pelos racionalistas decorre da compreensão de que “todo conhecimento certo provém de princípios irrecusáveis, a priori, evidentes, de que ela é a consequência necessária e, por si só, os sentidos não podem fornecer senão uma ideia confusa e provisória da verdade” – (Lalande, Vocabulário técnico e crítico da filosofia, verbete “racionalismo”).

Isso que dizer que para os racionalistas, o conhecimento verdadeiro tem sua gênese na razão, e todo conhecimento que dela não provém é aparente, superficial e, até mesmo, falso. Para Descartes, por exemplo, o pensamento tem como elemento principal as ideias inatas, impressas no espírito humano, como sendo instrumentos de que o Criador nos dotou para fundamentar a aquisição das verdades. Por isso, nas ideias temos o ponto de partida do conhecimento.

Retornando ao nosso personagem, ele é apresentado como aquele que tem domínio do saber racional, teórico. O doutor Fausto não se deixava vencer pelas opiniões alheias, nem pela precipitação em emitir juízos: era um mestre do saber. Mas isso não respondia ao seu dilema de encontrar um sentido prático para todo o saber que havia acumulado; de tal modo que ele pudesse, com esse conhecimento, promover a vida humana, tornando-a mais digna, mais feliz.

Podemos acrescentar outra crítica ao racionalismo: se o conhecimento racional alcança o saber único, absoluto, necessário e universal, como se explicam as diversas mudanças ocorridas no pensamento ocidental durante estes séculos? As certezas de outros tempos foram substituídas por outras certezas de nosso tempo, em relação a determinados fenômenos científicos e sociais. E outras virão. Por exemplo, em outros tempos a Terra era considerada plana, o átomo, indivisível, sem falar nos problemas morais, como justiça e bem que, na forma como eram discutidos por Platão, não fazem mais sentido na moralidade contemporânea.

O que concluímos é que o conhecimento histórico, ou seja, refere-se profundamente às circunstâncias em que surge. Isso o torna verdadeiro em relação à época em que é formulado. Mais adiante, explicitaremos um pouco mais essa ideia de conhecimento histórico, ou, dialético. Por enquanto podemos considerar o racionalismo como um sistema filosófico que nos deixa pouca alternativa diante do percurso histórico humano, ou seja, não responde plenamente ao problema do conhecimento na contemporaneidade.

2ª Via do Conhecimento – prática (Objetivismo ou Empirismo/Lock – Aristóteles) “O objeto privilegia o sujeito”.

Vamos retornar ao texto de nosso poeta, Goethe.

Após sua afirmação de frustração em relação ao conhecimento racional, Fausto coloca seu desejo:

Não julgo algo saber direito,  
Que leve aos homens uma luz que seja  
Edificante e benfazeja.  
Nem de ouro e bens sou possuidor, Ou de terreal fama e esplendor;  
Um cão assim não viveria!  
Por isso entrego-me à magia, A ver se o espiritual império  
Pode entreabrir-me algum mistério, Que eu já não deva, oco e sonoro, Ensinar  
a outrem o que ignoro; Para que aprenda o que a este mundo  
Liga em seu âmago profundo,  
Os germes veja e as vivas bases, E não remexa mais em frases.  
(Goethe, Fausto, Villa Rica Editoras Reunidas, pág. 41)

Pois bem, não encontrando a possibilidade de responder à situação humana de seu momento histórico a partir das teorias da erudição de sua época, entrega-se à magia, para ver se o seu império espiritual pode entreabrir-lhe

algum mistério, para que possa ensinar a outros esse tal conhecimento que ignora. O doutor crê que esse conhecimento irá ligá-lo a este mundo no seu âmago profundo onde residem as gêneses ou como chama “os germes e as vivas bases” e não fique mais atrás apenas das palavras, das frases.

Quanto ao aparecimento, aqui no texto, da magia provavelmente Goethe se refere à alquimia, ancestral científica da química, que na Idade Média era considerada magia. Muitos cientistas e químicos foram queimados pela inquisição por serem considerados bruxos. Neste período várias pesquisas foram interrompidas pelo temor que tinha a Igreja de que aquele mistério pudesse ser contrário à vontade de Deus, afinal, como se diz popularmente, O mistério a Deus pertence!

Nesta época, homens e mulheres ávidos por conhecer mais profundamente os mistérios da natureza aventuravam-se em pesquisas e experimentos observáveis para que pudessem desvelar os tais mistérios da natureza. Neste sentido, ser um químico era ser um bruxo. As “leis” naturais eram as “leis demoníacas”. Por isso que Goethe, ao nosso ver, quando propõe ao seu personagem um saber empírico, o coloca no campo da magia, da mística. É como se Fausto desejasse manipular o espírito da Natureza, como se fosse uma entidade inteligente e pessoal.

Retornando ao romance, vemos que Fausto quer um conhecimento empírico da realidade, não apenas as tantas teorias que viu nos anos de sua formação: quer chegar à gênese da realidade, às coisas mais profundas dela, ao conhecimento que dá conta daquilo que está oculto no mundo. Seu propósito com esse conhecimento é levar ao ser humano “um pouco da luz”; devemos entender isso a partir do iluminismo, movimento contemporâneo à Goethe e que lhe era muito caro. Essa luz da razão que tudo investiga traria ao ser humano sua emancipação de qualquer poder ou instituição que tentasse conter-lhe numa ideologia; tinha como proposta trazer, pelo conhecimento, a liberdade do ser humano.

Até aqui podemos dizer que Fausto deseja o conhecimento objetivo, empírico. Para lembrarmos do empirismo, podemos dar uma olhada na lição que trata de Locke, filósofo inglês. Os empiristas afirmam que a razão, a verdade, o conhecimento, as ideias racionais são adquiridas por meio da experiência. Antes da experiência nossa razão é como uma folha em branco que é preenchida na medida em que temos experiências com os objetos da realidade.

Para os empiristas “nossos conhecimentos começam com a experiência dos sentidos, isto é, com as sensações. Os objetos exteriores excitam nossos órgãos dos sentidos e vemos cores, sentimos sabores e odores, ouvimos sons, sentimos a diferença entre o áspero e o liso, o quente e o frio, etc.” (Chauí, Convite à filosofia, pág. 71-72). Na mente, as impressões sensíveis se vão depositando, transformando-se depois, por via de determinados processos mentais, em conceitos e ideias gerais; isso coloca o empirismo oposto ao racionalismo, onde as ideias gerais são inatas no ser humano.

Nesta leitura primeira do romance de Goethe podemos concluir que o doutor Fausto está cansado do conhecimento racionalista por não dar conta dos fenômenos concretos da realidade, como saúde, bem estar, etc. desejando, desta forma, o conhecimento empírico que possibilitará responder às questões humanas concretas, isto é, trazer aos seres humanos um conhecimento tal que pudessem construí-los como gente mesmo, concreta, situada, histórica.

Mas vamos pensar um pouco sobre essa interpretação que vimos agora. Goethe está num momento histórico à frente dos debates entre racionalistas e empiristas. Ele é contemporâneo de Hegel, inclusive, indicou o filósofo alemão para um cargo na Universidade de Jena. Isso quer dizer que este debate já estava em processo de superação. Hegel criticava racionalistas e empiristas, mas não numa atitude de desconsideração destas ideias, como se tudo que tivessem dito não tivesse valor, aliás, este é um problema de ambos os sistemas, racionalista e empirista: o de excluir conhecimentos em detrimento de outros. Para Hegel, a razão “não é nem exclusivamente razão objetiva (a verdade está nos objetos), nem exclusivamente subjetiva (a verdade está no sujeito), mas ela é a unidade necessária do objetivo e do subjetivo” (Chauí, Convite à filosofia, p. 81).

Ela (a razão) é o conhecimento da harmonia entre as coisas e as ideias, entre o mundo exterior e a consciência, entre o objeto e o sujeito, entre a verdade objetiva e a verdade subjetiva (Chauí, Convite à filosofia, p. 81).

Hegel propõe uma síntese entre o dualismo cognoscente estabelecido no debate de racionalistas e empiristas, afirmando que a verdade caminha na contraposição entre realidades opostas visando uma síntese, que de modo nenhum, pode ser considerada definitiva. Esta síntese tornar-se nova afirmativa que exige uma contraposição, ou negação, para que a nova síntese possa superar os elementos opostos anteriores. Este movimento chama de dialética, e vem da formulação clássica de Aristóteles, para quem a dialética assumia uma forma mais concreta do que a Platônica, cujo objeto era apenas o mundo das ideias. Aristóteles usava a dialética para investigar os

fenômenos da realidade concreta, vivida, com o objetivo de superar a opinião aparente das pessoas, ou seja, aquilo que parece provável, mas não o é.

O modelo básico da dialética aristotélica é o silogismo: “Dedução formal tal que, postas duas proposições, chamadas premissas delas se tira uma terceira, nelas logicamente implicada, chamada conclusão” (Dicionário Aurélio). Um exemplo famoso de silogismo é: Todo ser humano é mortal; eu sou ser humano; logo, sou mortal. O silogismo preserva as afirmações de duas proposições e delas tira uma terceira, chamada conclusão. A dialética, semelhante ao silogismo, usa duas afirmações, com a diferença de que a segunda nega a primeira, e na negação esta sua afirmação, ou seja, a negação é interna porque há negação da realidade de um dos termos. Por meio desta negação chega-se a uma síntese que supere ambas, ou seja, expresse a realidade em outro nível de construção superando as duas anteriores. À primeira afirmação chamamos de tese; à segunda antítese; à terceira síntese. Toda síntese torna-se tese, que exige uma antítese e assim progressivamente. A dialética expressa o progresso do conhecimento considerando as formulações já conquistadas pelo ser humano no sentido de conduzi-lo a novas compressões e formulações.

Um movimento dialético significa que um estado A, em oposição a um estado contrário B, gerou um síntese C, e que tal síntese serve de ponto de partida para um novo ciclo ascendente, e assim por diante. (Perdigão, Existência e liberdade, p. 161).

Hegel, por meio de sua compreensão dialética, contrapõem-se às ideias absolutas, intemporais, eternas. Para ele, todas as ideias são circunscritas a um determinado tempo e lugar. Por isso, para Hegel, a chave de compreensão do conhecimento e da razão é a história – a razão é história.

Voltando ao nosso poeta, estes conceitos já estavam à disposição de Goethe, os quais ele conhecia. Portanto, não devemos achar que no personagem Fausto, ele esteja querendo trocar um racionalismo por um empirismo; seu projeto está para além disso. É o que vamos ver:

Em busca da unidade síntese entre opostos:

Para analisarmos a síntese que Fausto buscava, vamos ler o momento em que se dá o “pacto” com Mefistófeles, ou seja, “os termos do acordo” e o pedido de Fausto, para vermos se realmente é isso o que ele deseja:

FAUSTO

Não penso em alegrias, já te disse.

Entrego-me ao delírio, ao mais cruciante gozo, Ao febril dissabor como ao ódio amoroso.

Meu peito, da ânsia do saber curado, A dor nenhuma fugirá do mundo,  
E o que a toda a humanidade é doado, Quero gozar no próprio Eu, a fundo,  
Com a alma lhe colher o vil e o mais perfeito, Juntar-lhe a dor e o bem-estar no  
peito, e destarte, ao seu Ser ampliar meu próprio Ser, E com ela, afinal,  
também eu perecer.

### MEFISTÓFELES

Oh! Crê-me a mim, a mim que já mastigo, Desde milênio essa vianda dura,  
Que homem algum, do berço até o jazigo, Digere a velha levedura!  
Podes crer-me, esse Todo, filho, Só para um Deus é feito, a quem Envolve num  
perene brilho!  
A nós, nas trevas pôs, porém,  
E a vós, o dia e a noite, só, convém.

### FAUSTO

Mas eu quero! Vamos parafrasear este trecho:

Fausto, como já havia dito, não estava atrás de outro, bens, fama, esplendor; enfim, alegrias como ele diz agora. Deseja ele sintetizar experiências contraditórias, contrapostas, antagônicas; deseja transitar entre delírio e prazer, entre o febril (figuradamente significa exaltado) dissabor (significa insipidez) do ódio amoroso. Percebemos que Goethe usa linguagem figurada de sentidos antagônicos. No personagem Fausto, Goethe coloca o impulso moderno em viver opostos. Ainda mais, ao que toda a humanidade é doado, quer ele vivenciar no próprio Eu, a fundo; de modo que, dessa experiência, ele possa colher o vil e o mais perfeito, juntar a dor e o bem-estar; deseja ao Ser da humanidade ampliar seu próprio Ser, e com ela, afinal, também perecer. Em outras palavras, deseja sintetizar em si mesmo toda a experiência histórica da humanidade, marcada por contradições.

A resposta de Goethe, por meio do personagem Mefistófeles, ao desejo moderno de síntese é muito próxima à solução dada por Hegel: o Espírito Absoluto que conduz a história, ou seja, o idealismo histórico. O Gênio responde: “Podes crer-me, esse Todo, filho, só para um Deus é feito”, ao ser humano “o dia e a noite, só, convém” ou seja, resta apenas viver cada dia, que também tem suas contradições: dia e noite.

Acontece que Fausto é um indivíduo de espírito moderno, resoluto, autônomo, livre; responde categoricamente: “Mas eu quero!”

De certo modo, Goethe, por meio do seu personagem, mostra que o idealismo hegeliano não responde ao anseio do ser humano por uma síntese que integre a realidade. Isso foi dito por diversos filósofos depois de Hegel que o criticavam por causa de seu idealismo histórico. Kierkegaard, por exemplo, chegou a dizer: “se tudo se integra no fim dos tempos, isso não vale para mim, pois não viverei até lá”. A modernidade requer uma síntese concreta ao problema do conhecimento, algo que possa responder ao sentido do conhecer e do agir humano no tempo presente: aqui e agora. Em outras palavras, a síntese dialética da modernidade deve responder à exigência na atualidade.

Deste modo, vemos no romance de Goethe, seu protagonista como sendo este indivíduo moderno, que se mostra resolvido a compreender dialeticamente seu projeto humano, o sentido de seu pensamento e ação, de tal modo que venha responder de forma pertinente a sua realidade contemporânea, contribuindo assim, para o processo histórico da humanidade. Isso não se dá apenas por teorias. Também, não apenas por práticas. É a dialética entre teórico e prático que fará com que sua concepção teórica tenha sentido concreto na vida das pessoas, da sociedade, e sua prática possa ser analisada e criticada, construindo assim novas concepções e novas ações. Fausto é um personagem dialético.

Da pra perceber que Goethe, por seu personagem já superou as discussões entre racionalistas e empiristas. Para ele esta dualidade deve ser superada em direção a uma síntese dialética entre ambas. Isso quer dizer que a solução filosófica para o conhecimento e razão é a dialética, ou seja, o conhecimento é dialético, a razão é dialética.

3ª Via do conhecimento – Dialética (Interacionismo ou Dialético – Marx, Hegel e Kant) “Sujeito e objeto interagem”.

Devemos afirmar, logo de início, que a razão dialética (o modo dialético de raciocinarmos) é a única alternativa de compreendermos a realidade humana bem como a única maneira de se fazer inteligível o processo histórico, constituindo-se, assim, a terceira via de conhecimento capaz de superar racionalismo e empirismo, na perspectiva da dialeticidade do conhecimento e da história.

### ***Superação na dialeticidade do conhecimento***

Para uma formulação inicial da teoria do conhecimento, devemos considerar, conforme Lefebvre, os seguintes pontos:

Conhecimento supõe: a) um objeto real exterior, a natureza ou matéria penetrada progressivamente (...) pelo “sujeito” humano ativo, cujas representações, imagens e idéias correspondem ao objetivo de modo mais ou menos exato; b) o ser humano é um “sujeito-objeto”; ele pensa, é “sujeito”, mas sua consciência não se separa de uma existência objetiva, seu organismo, sua atividade vital e prática. Ele age, enquanto tal, e é objeto para outros sujeitos agentes; c) o sujeito objeto, o pensamento e a matéria, o espírito e a natureza são ao mesmo tempo distintos e ligados: em interação, em luta incessante de sua própria unidade. (Lefebvre, Lógica formal/lógica dialética, p.71).

Conhecimento que venha a superar racionalismo e empirismo, deve considerar, em primeiro lugar, a relação dialética entre sujeito e objeto, isto é, o conhecimento deve ser um objeto real exterior que está em relação constante com o sujeito humano ativo, que possui representações, imagens ou idéias a respeito desse objeto de modo mais ou menos exato.

Em segundo lugar, o ser humano é sujeito porque pensa, mas sua consciência não está separada de uma existência objetiva (seu organismo, sua atividade vital e prática), o que quer dizer que toda consciência é consciência de algo, como dizia Husser. O sujeito humano está no mundo, mas não solitariamente; neste mesmo mundo encontram-se diversos outros sujeitos que objetivam uns aos outros. São sujeitos mas, ao mesmo tempo, objetos para outros sujeitos.

Em terceiro lugar, sujeito e objeto, pensamento e matéria, espírito e natureza estão em interação, isto é, estão separados, uma vez que se percebe que as coisas não são pessoas, ou mais precisamente não são “eu”, mas, ao mesmo tempo, estão ligados, uma vez que toda ação humana é dirigida “a”, não fazendo sentido nenhum a ação sobre nada. Deste modo, sujeito e objeto estão em luta incessante na busca de unidade. Esta forma de raciocínio a respeito do sujeito e objeto presentes na construção do conhecimento, chamamos de dialético.

Qualquer que seja o fenômeno que estudamos, analisamos, criticamos, refletimos, o pensamento dialético é capaz de estabelecer relações e negações de cada parte entre si, de cada parte em relação ao todo, do todo em relação cada parte. A nossa consciência, que é a captação do imediato; do que está presente diante de nós, “apreende uma intrincada rede de afirmações e negações”. Positivamente a consciência afirma que cada parte é isto, integra e depende de um todo, compreende em si mesma esse

todo; o todo é isto, conserva a parte dentro de si. Do ponto de vista negativo, entende que a parte não é o todo, o todo não é a parte. Assim, captamos as relações positivas e negativas de cada parte com as outras partes e com o todo. Assimilamos cada parte na medida em que ela conserva e nega as demais e o todo, na medida em que é conservada e é negada pelas demais e pelo todo. Estas afirmações e negações constituem o desenrolar de um movimento dialético. (Perdigão, Existência e liberdade, p. 176).

### ***Superação da dialeticidade da história***

A história, como fenômeno humano, não se ajusta a modelos pré-concebidos, do mesmo modo como o ser humano também não. Ela não é um sistema fechado, cristalizado no passado, ou seja, não é uma totalidade e sim uma totalização-em-curso, isto é, algo em construção, em constante porvir e formação. Por isso, ela é imprevisível, como imprevisível é o ser humano. Não devemos confundir imprevisibilidade com caos. Caos significa grande confusão ou desordem. Diferentemente, imprevisibilidade, se refere à incapacidade de calcular, prever, predeterminar o curso que tomará a história. A imprevisibilidade histórica é a crítica do positivismo, que julgava serem as ciências capazes de prever para prover. O curso histórico mostrou que a superação de determinado contexto, abre as possibilidades para o novo, e o novo é o desconhecido.

Se não queremos tomar a História humana como “coisa inerte já constituída”, mas sim como de fato é – uma atividade viva e em andamento – devemos usar o pensamento dialético que somos. Já que a razão humana é dialética, podemos conhecer dialeticamente as ações humanas, bem como aplicar relações dialéticas onde elas não existem, ou seja, no mundo objetivo”. (Perdigão. Existência e liberdade, p. 175).

Por isso, razão e conhecimento só fazem sentido na medida em que estabelecemos a dialeticidade sujeito e objeto, indivíduo e natureza. A realidade é racional não por possuir uma racionalidade nela mesma, mas por ser inteligível à razão humana. Por conseguinte, razão e conhecimento não são inatos no ser humano, como elementos prontos e acabados; não há conhecimentos depositados dentro de um espírito encarnado, cabendo, apenas, o exercício remanescente de trazê-los à tona. Tanto conhecimento quanto razão se dão na relação entre sujeito e objeto, estão num processo de construção histórica.

## **FREUD E A FILOSOFIA**

### A postura de Freud diante da Filosofia

Podemos identificar como contraditória a postura de Freud diante da filosofia. Paul Laurent Assoun afirma que é através do estudo dos textos oficiais e não oficiais de Freud que “descobrimos um discurso ondulante, múltiplo e finalmente, ambivalente: de um lado, Freud não possui fórmulas bastante incisivas para desautorizar a filosofia de suas prestações de legisferar sobre a ciência psicanalítica; do outro, reconhece humildemente sua importância na atividade de pensamento humano. Por outro lado lança aos filósofos sarcasmos que se aproximam da caricatura e do lugar comum; por outro, constata-se o retorno constante de referências a certos sistemas que parecem desempenhar uma função necessária na argumentação freudiana, em seus pontos decisivos”. (Assoun, Freud, a filosofia e os filósofos, pág. 10).

O encontro de Freud com a filosofia dá-se em sua juventude, através da obra de Goethe sobre “A Natureza”. Mas é através do filósofo e psicólogo Franz Brentano que Freud vai encontrar a filosofia. Durante seus estudos de medicina ele participa de vários cursos e seminários de filosofia ministrado por Brentano, apesar de já não mais existir a obrigatoriedade do estudo da filosofia para os estudantes de medicina. Freud revela-se frequentador assíduo desses cursos, chegando a “especializar-se, de certa forma, na história da filosofia”, ao frequentar, em 1875 o curso de lógicas aristotélica ministrado por Brentano.

Por outro lado, apesar de confessar que, teve gosto pela especulação filosófica em sua juventude. Freud afirma que “resistiu a essa tentação, pois preocupava-se em manter-se fiel ao domínio dos fatos”. É a postura herdada da concepção científica positiva. Freud nunca admitiu ter recebido influência de qualquer pensador na produção de sua obra. Os conceitos básicos da psicanálise se devem unicamente a sua pesquisa de caráter empírico. É a partir de sua atividade clínica que Freud constrói os conceitos e a técnica psicanalítica.

Esta preocupação em manter-se afastado da especulação, decorre em virtude de que, para Freud, “a atividade reflexiva do filósofo orientada para a busca de uma visão global e sistemática da realidade revelava-se essencialmente como um obstáculo epistemológico difícil de ser vencido pelo trabalho científico. Na medida em que Freud aspirava fazer ciência e fazê-la mobilizando os recursos metodológicos que proporcionaram o avanço do conhecimento físico-natural, os hábitos mentais que lhe pareciam peculiares

ao exercício da reflexão especulativa impunham-se como destacáveis”. (Penna, Freud, as ciências humanas e a filosofia, pág. 104).

Outro aspecto que motiva sua hostilidade para com os filósofos é a resistência destes em assimilar o conceito de inconsciente tal como ele o propunha. Essa rejeição parecia a Freud ser a expressão de uma incapacidade essencial da prática especulativa para alcançar tal proposição.

As contradições das relações de Freud com a filosofia podem ser demonstradas através do estudo dos textos não oficiais, como suas correspondências, e dos textos oficiais, teóricos. Nos textos não oficiais, sob o sigilo da correspondência privada, em muitas situações Freud revela-se conhecedor e simpático à filosofia. Dentre estes, sua carta a Wilhelm Fliess, no momento mesmo em que elabora os conceitos básicos da psicanálise, onde iremos encontrar expresso o desejo especulativo: “alimento, na profundidade de mim mesmo, a esperança de atingir, pelo mesmo caminho meu primeiro objetivo: a filosofia” (carta de 1º. De janeiro de 1897). (Assoun, pág. 16). Numa de 02 de abril de 1896, declara: “Em meus anos de juventude, só aspirei aos conhecimentos filosóficos e, agora, estou prestes a realizar este desejo, passando da medicina a psicologia”. (Assoun, pág. 16).

Nos textos oficiais Freud tenta demonstrar um afastamento proposital e uma certa ignorância sobre as questões filosóficas. Como em 1930, diante de uma solicitação a tomar posição no que diz respeito a certas questões filosóficas, Freud responde: “os problemas filosóficos e sua formulação são tão estranhos para mim, que não sei o que dizer a respeito”. Também é no discurso oficial onde parece as mais duras críticas e sarcasmos aos filósofos.

Apesar dessa posição hostil em relação ao significado da filosofia e aos procedimentos especulativos Freud nunca deixou de valorizá-los. “Sua metapsicologia vai muito além dos fatos, contém largo espaço especulativo” e tem raízes em seu envolvimento com a reflexão filosófica na sua juventude. Em que pese Freud determinar a psicanálise como um seguimento das ciências da natureza, “na verdade”, a psicanálise se aprofundará sempre e progressivamente um compromisso com a hermenêutica, centrando-se na relevância concedida aos procedimentos interpretativos”. (Penna, pág. 108).

### ***A referência filosófica em Freud***

Como já enfatizamos, Freud nunca admitiu ter sofrido influências de outros pensadores na relação dos principais conceitos da psicanálise. No entanto é possível perceber-se diversas aproximações entre o discurso analítico de

Freud e certas concepções filosóficas. Paul Laurent Assoun trabalha com a hipótese de que o discurso filosófico aparece na obra de Freud sob a forma positiva da referência. Entende que existe “um recurso alusivo a uma filosofia precisa, a um argumento determinado da argumentação freudiana, que surge a margem do discurso analítico que ele parece penetrar”. Esse discurso alusivo a filosofia aparece em forma de “descentramentos pontuais” e possui “características estereotipadas como a imprevisibilidade, a rapidez a estereotipia e a periodicidade”. (Assoun, pág. 123).

Freud utiliza-se das referências filosóficas como se estas estivessem fora do discurso analítico, mas por outro lado parecem aderir a esse discurso e remeter a um conteúdo preciso. Segundo Assoun, “na maioria das vezes, trata-se de teses célebres de filósofos extraídas sem escrúpulos de seus sistemas e convocadas para o uso da demonstração freudiana”. (Assoun, pág. 124). Na verdade Freud busca nas referências filosóficas o reforço intuitivo especulativo para demonstrar suas teorias, principalmente as mais polêmicas.

## **FREUD E EMPÉDOCLES**

Empédocles de Agrigento, é entre os pré-socráticos, aquele que mais fascinou Freud porque “encarna a união, numa mesma personalidade, da exatidão e paciência de pesquisador com a ousadia fantasista do forjador de especulação cósmica”. (Assoun, pág. 147).

Em Empédocles o que interessa a psicanálise é a doutrina segundo a qual “há dois princípios do devir na vida do mundo, como na vida do espírito, que se encontram num eterno combate recíproco, e que ele chama de *philia* (amor) e de *neikos* (combate)”. Empédocles entende que *philia* (amor) é uma força unificadora, mas se só existisse essa força “tudo seria um” e não haveria diversidade. Por isso impõe-se a presença de uma força responsável pela separação (*neikos*) que é a destrutividade, o combate, o ódio.

Freud vê na teoria do filósofo grego quanto a função e quanto ao nome, o equivalente a sua teoria de nossas duas pulsões originárias: EROS e DESTRUTIVIDADE. Eros se esforça para combinar o que existe em unidades cada vez maiores, ao passo que a destrutividade se esforça por dissolver essas combinações e destruir as estruturas a que eles origem. Assim a teoria analítica encontra em Empédocles o reflexo de sua descoberta. No entanto Freud recusa a idéia de que as duas teorias são idênticas. A diferença essencial consiste no fato de uma ser uma “fantasia cósmica”, ao passo que a

outra “se apresenta como a pretensão de um valor biológico”. Com essa referência a Empédocles, Freud deixa explícita a tese de que, graças ao gênio, certas concepções de difícil aquisição através dos procedimentos do método científico, podem ser, por igual, produzidas por outros caminhos.

## **FREUD E PLATÃO**

Paul-Laurent Assoun considera que o texto “Além do princípio do prazer” constitui um importante referencial para se compreender o sentido das referências a Platão presentes na obra de Freud.

Podemos dizer que a principal referência platônica refere-se as considerações deste sobre Eros e sobre a extensão que concede ao conceito da sexualidade, temas tratados em “O Banquete”. Em seu texto Antônio Penna transcreve as palavras de Freud em “Além do Princípio do Prazer”, pág. 78: “O que tenho no espírito e, naturalmente, a teoria que Platão coloca na boca de Aristófanes no Symposium e que trata não apenas da origem da pulsão sexual, mas também da mais importante de suas variações em relação ao objetivo. A natureza original não era semelhante a atual, mas diferente. Em primeiro lugar os sexos eram originalmente em número de três e não de dois, como são agora; havia o homem, a mulher e o irmão dos dois (...). Tudo nesses homens primevos era duplo: tinham quatro mãos, quatro pés, dois rostos, duas partes pudendas e assim por diante. Finalmente Deus decidiu cortá-los em dois “como uma sorva que é dividida em duas metades para fazer conserva”.

Depois de feita a divisão as duas partes do homem, cada um desejando a sua outra metade, reuniram-se e lançaram os braços um em torno do outro, ansiosos por fundir-se”.

O recurso do mito de Aristófanes, possibilita explicar-se tanto as relações heterossexuais, quanto as homossexuais, na medida em que os duplos não só eram constituídos com dois órgãos masculinos, mas também, com dois órgãos femininos e com órgãos masculinos e feminino.

Segundo Assoun, Freud evoca o precedente platônico em apoio a sua tese da extensão da sexualidade. Extensão essa percebida por Freud “na Psicanálise da criança e daqueles que chamamos de perversos”. Assim Freud lembra, contra aqueles que desprezavam a Psicanálise, que a idéia de uma sexualidade mais ampla coincide com o Eros de Platão. No dizer de Assoun, “a verdade psicanalítica conquistada pela observação positiva encontra a verdade filosófica como antecipação intuitiva. Esta tem por função elevar a

dignidade teórica da psicanálise, conferindo-lhes seus títulos de nobreza sugerindo seu reflexo metafísico (recusado, assim, o desprezo para com o discurso psicanalítico)". (Assoun, pág. 145).

A partir do que foi exposto acerca das relações entre Freud e a filosofia podemos dizer que com relação aos filósofos gregos, Freud busca apoio em suas filosofias principalmente porque estão recheadas de pressupostos místicos e preocupações com os processos primários do desenvolvimento humano. A linguagem do mito é essencialmente sintomática e mais reveladora do inconsciente, desde que fala, ainda com este, a linguagem dos processos primários.

Podemos afirmar também que Freud utiliza-se da filosofia não como fundamento ou pressuposto para suas descobertas, mas como referências para legitimar sua pesquisa analítica, principalmente com relação aos seus pontos mais polêmicos. Busca aí apoio na especulação filosófica.

Percebemos ainda uma relação entre a filosofia e a teoria psicanalítica freudiana no sentido de que ambas buscam ir muito além dos fatos, no caso da psicanálise centrando-se na relevância que concede aos procedimentos interpretativos.

É importante salientar que existem vários outros aspectos que fazem parte desta relação entre Freud e a Filosofia que não foram examinados aqui. Por exemplo, a relação entre conhecimento místico e conhecimento científico, importante para entendermos melhor o recurso de Freud aos mitos. Também não examinamos a relação de Freud com outros filósofos como Schopenhauer, Nietzsche, Kant entre outros.

## ANEXOS

### UMA JANELA PARA A FILOSOFIA

Mauricio A. Guerriere

Um rapaz sedento de saber ouviu falar acerca de um velho filósofo que vivia numa casa de madeira próxima à floresta. Pouco se sabia das atividades deste velho, muito menos de sua juventude. Mas motivado por uma curiosidade pujante, o rapaz dirigiu-se à casa do filósofo com o intuito de iniciar-se na arte de filosofar. Para o jovem isso lhe traria tranqüilidade e paz interior. Imaginou-se um daqueles discípulos orientais que procuram um mestre asceta para encaminhá-lo nas virtudes do espírito e do transcendente.

Munido com um caderno e uma caneta, o jovem bateu à porta da casa de madeira. Após alguns segundos a porta se abriu e surgiu a imagem de um velho moreno, quase careca, com uns óculos redondos pousados sobre o nariz. Usava calças largas e sandálias franciscanas. Ao ver o jovem, esboçou na face um leve espanto.

- Pois não? – disse.

- pode parecer besteira... o senhor é filósofo, não é? Pois bem... eu gostaria de aprender filosofia, mas se não der, tudo bem...

O velho filósofo fez uma expressão interrogativa e permaneceu em silêncio por alguns segundos.

- Aprender filosofia... acredita que eu possa lhe ensinar? – prosseguiu o velho.

- Tenho certeza disso! – querendo agradar – acho que o senhor é um grande sábio, não é?

- Se eu disse que sim, filho, já seria um péssimo professor. Quem neste mundo é sábio? Existem muitos? Não creio, pois o mundo continua perverso. – e acrescentou fazendo um gesto vago – entre, filho. Não tem medo?

- Não, de jeito nenhum – respondeu o jovem terminando de anotar as palavras do velho em seu caderno - não tenho medo não.

- Isso já é um bom começo.

O velho foi entrando e o rapaz o seguiu com o caderno. O filósofo voltou-se e disse: - Ah, deixe seu caderno aí fora. Na saída você pega.

O jovem ficou confuso, mas atendeu à solicitação. Entraram em uma sala com várias almofadas pelo chão e o anfitrião convidou o visitante para sentar-se. Havia uma janela de vidro fechada no centro da parede que possibilitava a visão dos fundos da casa. Era uma bela paisagem. Na mesma sala havia uma

estante repleta de livros e uma escrivaninha ao lado.

O rapaz estava ansiosíssimo.

- O que você vê ali? – perguntou o velho apontando para a janela.

- Uma janela. O velho sorriu.

- Uma janela – acrescentou o rapaz, querendo mostrar-se inteligente – mas com uma paisagem atrás. – Olhou para o velho e este ainda sorria.

- A paisagem é formada por um rio, árvores, capim rasteiro. – Ainda o sorriso do filósofo.

- Um rio com uma forte correnteza – continuou o jovem -, as árvores com uma coloração branca do lado direito da folhagem, o capim molhado... Ah! Uma chuvinha leve molha o capim.

O velho levantou-se, ainda sorrindo, e murmurou baixinho: “é um começo...” Foi se afastando em direção à escrivaninha sob o olhar interrogativo do jovem.

- Fique à vontade, eu tenho umas coisinhas a fazer.

Dizendo isso foi sentar-se à escrivaninha e começou a folhear uns manuscritos. O visitante ficou confuso, olhou para a janela pensativo e tentou ver algo mais na paisagem que ainda não tinha dito. Não conseguiu. “O que o velho quer?” Continuou vendo a paisagem através do vidro. Ela continuava a mesma.

- É bonita a paisagem, né? – perguntou ao filósofo.

O velho pareceu nem ouvir. “O que tenho que dizer?” O rapaz continuava olhando para a janela. Nada havia mudado.

“O que isso tem a ver com eu querer aprender filosofia? O que é a filosofia afinal? Levantou-se e foi em direção à estante de livros. Escolheu um com os olhos e quando estendeu a mão para pegá-lo foi repreendido pelo velho.

- Não. Não pegue nenhum livro aí.

- Não pode? – perguntou o rapaz meio assustado.

- Por enquanto não.

“Que diabo de lição é esta?” O jovem estava totalmente confuso. “Será que este velho é caduco? Eu quero aprender e nem posso olhar um livro?” Sentou-se novamente em frente à janela e ficou pensativo. Tudo estava igual.

Algumas horas se passaram e a tarde começava a morrer. O velho levantou-se e dirigiu-se ao rapaz, que não havia tirado os olhos da janela.

Já está ficando tarde. É melhor você ir.

- Mas... E a aula? – O velho sorriu mais uma vez abriu a porta para o jovem sair.

- Boa tarde, filho. Não esqueça o caderno lá fora.

O rapaz zangou-se. Ficou uns segundos parado, olhou uma última vez para a janela e depois saiu. – Boa tarde... Professor.

Meu nome é Américo. Pode me chamar assim.

No outro dia, mais ou menos na mesma hora o rapaz voltou a bater à porta do velho Américo. Havia pensado a noite inteira. Quase pensou em desistir, mas um estalo na mente o fez mudar de idéia e continuar a busca. “Acho que descobrir o que é filosofia”. Pensou.

- Boa tarde, Filho. Que surpresa.

- Seu Américo, acho que descobri o que é filosofia!

O velho olhou meio cético e foi entrando na casa arrastando as sandálias.

- Deixe o caderno lá fora – pediu o filósofo já de costas.

Sentaram-se ambos novamente próximo à janela. O velho pôs-se em atitude de escuta.

- Olha como o senhor mostrou-me uma janela com uma paisagem e eu estava querendo aprender filosofia, conclui que filosofar é contemplar as coisas belas da natureza, sentir estas coisas e interiorizá-las. É um tipo de contemplação!

O velho ficou sério, impassível, fitando o rosto sorridente do jovem. Passados alguns segundos o rapaz perguntou: - Acertei?

- Não estamos em um jogo de adivinhações.

- Mas não é isso que é a filosofia? – perguntou preocupado.

O velho Américo sorriu. O jovem animou-se e sorriu também. De súbito, o velho ficou sério novamente e disse:

Não. Não é isso. – Levantou-se e foi sentar-se à escrivaninha. O sorriso do jovem foi se desfazendo aos poucos e a raiva tomou conta de seu corpo.

- Não dá pra dizer logo o que é?

O velho permaneceu calado folheando os manuscritos. O rapaz estava irritado ao extremo e teve vontade de ir embora. Mas insistiu em ficar, pois era persistente em tudo o que fazia. Voltou-se para a janela e pôs-se a fixá-la com os olhos. Estava igual. As árvores com a coloração branca do lado direito da folhagem, o rio com a correnteza forte, a relva molhada e a chuvinha que não parava de cair. Não conseguia ver mais nada além disso.

- Tenho que tentar modificar a paisagem com pensamento? É isso?

- Não – respondeu o velho tranquilo.

Novamente a janela e a paisagem. Cansado daquilo, o rapaz começou a observar as fotos dependuradas pelas paredes da sala. Em uma delas, um jovem, provavelmente o próprio Américo, falava na rua para um grupo de pessoas, aparentemente operários. Em outra foto ele e uma mulher se beijavam. E ainda outra, aparecia ele sentado, já com mais idade, em uma assembleia com inúmeras pessoas.

A última foto que o rapaz observou mostrava quatro rapazes, dentre eles um que parecia o velho filósofo, em sua juventude, brindando com copos de

cerveja; nesta todos sorriam.

Tendo passado algumas horas, o rapaz foi tomado por uma súbita curiosidade. “Por que o lado direito das árvores possui essa coloração branca? “Por que este rio tem essa correnteza tão forte?” “Por que esta chuvinha fina não pára?” Fez cada uma destas perguntas ao filósofo. A resposta foi o silêncio e um sorriso que o jovem não pode perceber. “É um começo”, sussurrou Américo para si mesmo, “é um começo...” O rapaz não entendeu nada e zangou-se.

No dia seguinte, repetiu-se a mesma coisa. O rapaz era insistente. A curiosidade para ele era como um vício difícil de abandonar.

- Posso pegar um livro, seu Américo? Ainda não.
- Mas tem vários sobre filosofia aí, porque eu não posso ler?
- Você me pediu uma coisa. Queria aprender filosofia. Se quer aprender com os livros, basta comprá-los.

O rapaz desconcertou-se. Na sala a mesma cena dos dias anteriores. O jovem em frente à janela e o velho na escrivaninha praticamente não se comunicava. Na cabeça do rapaz pairavam as dúvidas do dia anterior. “Por que a cor branca do lado direito das árvores? Por que aquela correnteza forte? Por que a chuvinha que não pára?”... “Por que a cor branca nas árvores, a correnteza, a chuvinha? Cada vez mais seus olhos se prendiam na janela. “Por que a cor branca? Por que a correnteza? Por que a chuvinha?”... “A cor branca, a correnteza a chuvinha...” Aquelas dúvidas na cabeça, a janela imóvel postando-se entre ele e a imponência da paisagem e o silêncio enigmático do velho deixavam o rapaz extremamente irritado e incomodado. “Paisagem com árvores com cor branca por quê? Por que correnteza forte e chuvinha que não para?”

E olhava a janela irritado. “Cor branca correnteza... chuvinha...” “Por que a paisagem é assim?” “Cor branca, correnteza e chuvinha. A janela... a paisagem. O velho não fala nada...” Sua mente estava a ponto de se desorientar. Suas perguntas ribombavam como vozes que ecoavam em seu cérebro: “Por que a cor branca nas árvores? Por que a correnteza forte do rio? Por que a chuva fina não cessa? O jovem ia se agastando, mas as questões permaneciam, como se tivessem vida própria. “Por que a cor branca, por que correnteza forte, por que chuvinha incessante... Por quê? Cor branca...” Tomado por uma raiva súbita e explosiva que o fez agir quase que inconscientemente, o rapaz pegou um banquinho que estava na sala e atirou-o contra o vidro da janela com toda a força. Os estilhaços se

espalharam por dentro e por fora da casa. Não sobrou quase nada da vidraça. O barulho chamou a atenção do velho que, após um sobressalto, voltou-se calmamente para trás. Viu o jovem de pé, arfando, com o desespero estampado em seu semblante. O velho fitava-o enternecido, com um aspecto paternal. Sua feição confundiu ainda mais o jovem, que esperava algum tipo de repreensão.

- Seu Américo, desculpa... Eu não sei o que dizer, meu Deus... – Vou dar um jeito de limpar... É que...

O velho sorriu mais uma vez.

- Não vai até lá? Perguntou o filósofo. O rapaz ficou confuso.

Vá, vá olhar.

O visitante titubeou, mas foi até a janela destruída. Seus tênis fizeram estalar alguns cacos pelo chão. Parou, olhou novamente o velho e depois enfiou cuidadosamente a cabeça para fora da janela, evitando encostar nos cacos de vidro restantes.

A visão que teve foi como o ascender das luzes em uma festa surpresa, onde a curiosidade proporcionada pela escuridão é satisfeita pela aparição do bolo, dos parentes, dos amigos, dos enfeites, etc. A paisagem que o jovem via antes através do vidro pareceu esticar-se ao infinito, possibilitando que ele contemplasse as respostas para aqueles seus questionamentos.

Do lado contrário à correnteza do rio, bem próximo da casa, uma bela cachoeira lançava suas águas sobre algumas pedras mais salientes da pequena montanha. Com a força da queda, a água espirrava longe e molhava, como uma chuva fina, a relva nas imediações. “Era por isso a correnteza forte! E a chuva não é chuva, são respingos! Por isso não cessa!” A descoberta fez o jovem regozijar-se.

Olhando então para o lado direito, pôde ver ao longe, uma enorme indústria que lançava um pó branco no ar. O vento trazia o pó até a folhagem das árvores. Mesmo distante, dava para ver que algumas árvores ao redor da indústria estavam totalmente brancas e muitas outras estavam mortas. “O branco das árvores é a poluição da indústria. Justo daquela que se diz tão preocupada com o meio-ambiente...” Da janela dava pra ver também a estradinha que passava em frente à indústria e seguia até a entrada da cidade. Por ela passavam vários operários que deixavam o seu turno, todos com um aspecto triste, sofrido e de insatisfação. Alguns conversavam, outros tossiam, outros simplesmente acompanhavam aquele cortejo disperso e lúgubre.

Ao mesmo tempo que o rapaz satisfez as suas primeiras curiosidades, outras imediatamente foram surgindo: Por que o aspecto taciturno e sofrido dos

operários? Eles não deviam estar satisfeitos por terem um trabalho e, principalmente, por ter acabado o seu expediente? Por que uma empresa tida como modelo na cidade não se preocupa com o pó lançado sobre as árvores? E por que é justamente ela a que mais fala em defesa do meio ambiente? Ao retomar a cabeça para dentro da casa, o rapaz deparou-se com o velho Américo de pé ao seu lado, com um sorriso algo maroto estampado nos lábios. E então? – perguntou o filósofo – O que viu agora?

O rapaz contou a sua experiência e as novas inquietações surgidas. O velho ouviu tudo atentamente e foi conversando também com o jovem.

- Bem filho, você quebrou a janela. Creio que agora você não precisa mais de mim. Este foi o início de sua descoberta da filosofia. Você foi um bom aluno e já começou a filosofar. Para prosseguir, vá resolver suas novas inquietações. Mas jamais se esqueça: nunca olhe as coisas somente através das janelas - e fazendo um gesto vago em direção aos livros acrescentou – o dia que precisar de livros...

O rapaz estava eufórico. Sorriu um pouco embaçado. Tinha a sensação de que, enfim, compreendera. – Tenho que ir embora agora, não é?

- Mas apareça sempre para conversarmos. Não pense que já sabe tudo...

- Com certeza. Estarei sempre aqui.

Após despedirem-se, o jovem saiu e nem se preocupou de pegar o caderno na porta.

- E o caderno? Você esqueceu!

- Pode ficar com ele. Não precisei mesmo...

- Lembre-se de me pagar o concerto da janela! O rapaz, já virando uma curva na estrada, fez sinal de positivo, sorriu e desapareceu na estrada.

Alguns anos se passaram. Em contato com os amigos, o jovem tentava, depois de muito tempo de busca, relatar aos amigos e fazê-los entender as suas descobertas com relação a vários aspectos da realidade. Conversava sobre as falsas verdades que prevaleciam entre os homens, sobre a manipulação das pessoas por interesses de grupos, sobre o sentido da vida do ser humano, sobre as estruturas sociais massacrantes... Mas nem sempre conseguia convencer. Muitos nada entendiam, não queriam entender, fechavam os ouvidos e até se chateavam com a conversa. Estes, eram sempre os mesmos e sempre iguais, nunca mudavam. Viviam na sua vidinha medíocre na ilusão de estarem felizes e satisfeitos. Eram controlados pelo mundo e moviam-se sem vontade própria, embora se achassem livres. Mas na verdade, eles não haviam quebrado a janela...

## Quadro Cronológico:

Este quadro tem a finalidade de situar a atividade no contexto histórico, relacionando-a com os mais significativos acontecimentos culturais, políticos e científicos, na tentativa de superar em parte o caráter fragmentário da abordagem por assuntos.

Antiguidade		
Século	Filosofia	Contexto Histórico
VI a.C.	Período pré-socrático. Escola jônica: Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito. Escola itálica: Pitágoras Escola eleática: Xenófanés, Parmênides, Zenão.	Registro escrito da <i>Iliada</i> e <i>Odisseia</i> (Homero) Reformas de Sólon Reformas de Clístenes Período arcaico da arte grega
V a.C.	Escola atomista: Leucipo, Demócrito Anaxágoras Empédocles Período clássico Sofística: Górgias, Protágoras, Híppias Escola socrática: Sócrates.	Guerras médicas Péricles Heródoto (história) Hipócrates (medicina) Tragédia e comédias Guerra do peloponeso Tirania dos trinta Período clássico da arte grega
IV a.C.	Platão Aristóteles	Eudoxo (sistema geocêntrico) Crise política em Atenas Filipe da Macedônia e Alexandre Magno (helenismo) Período helenístico da arte grega
III a.C.	Período pós-socrático Estoicismo: Zenão de Cítio	Euclides (geometria) Arquimedes (mecânica) Guerras púnicas (Roma – Cartago)
I a.C.	Lucrécio, Cícero	Fundação do império Romano
I d.C.	Sêneca	Cristianismo
II	Marco Aurélio	Ptolomeu (sistema geocêntrico) Apogeu do Império Romano
III	Plotino Filosofia patrística (Padres da Igreja): Clemente, Orígenes	Galeno (anatomia) Crise do Império Romano

IV	Filosofia patrística: Santo Agostinho	Começo da alquimia Vulgata (tradução da Bíblia para o latim) Divisão do Império Romano (do Ocidente e do Oriente) Cristianismo (religião oficial)
----	---------------------------------------	---

Idade Média		
Século	Filosofia	Contexto Histórico
V	Morte de Santo Agostinho	Queda do Império do ocidente
VI	Boécio	Justiniano (Império Bizantino: Corpus Juris Civilis) Mosteiros beneditinos
VII		Surgimento do islamismo
VII	Alcuíno	Fundação do Império do Ocidente: Carlos Magno Alcuíno (inglês) organiza o ensino no reino franco
IX	Scotus Erígena Al Kindi	Tratado de Verdun Apogeu da cultura islâmica
XI	Avicena Querela dos universais: Guilherme de Cahampeaux, Roscelino	Cisma do Oriente Arte romântica
XII	Abelardo Averróis	Cruzadas Universidades decimais da Europa
XIII	Tradução de Aristóteles para o latim Escolástica: Santo Alberto, Santo Tomás de Aquino. Escola de Oxford: Duns Scotus, Roger Bacon	Cruzadas Ordem dos Dominicanos e Ordem de São Francisco Arte gótica e mourisca Alquimia
XIV	Escola de Oxford: Guilherme de Ockam Ibn Khaldun Dante Alighieri, Marsílio de Pádua	Início da Guerra dos Cem Anos Estados Gerais Cisma do Ocidente Bússola Pré-Renascimento Fim da Idade Média: tomada de Constantinopla pelos turcos (1453)

Renascimento		
Século	Filosofia	Contexto Histórico
XV	Nicolau de Cusa	Joana d'Arc Grandes navegações: descoberta da América Renascimento artístico italiano Gutenberg (imprensa)

XVI	Erasmus Giodarno Bruno Bodin, Maquiavel Thomas More Montaigne	Descobrimto do Brasil Formação das monarquias nacionais Reforma protestante Concílio de Trento Copérnico (heliocentrismo) Fim do Renascimento artístico/Barroco
-----	---	---

Idade Moderna		
Século	Filosofia	Contexto Histórico
XVII	Campenella Empirismo: Francis Bacon, Hobbes,	Renascimento científico: Galileu, Kepler, Newton

	Locke Racioalismo: Descartes, Pascal, Malebranche, Spinoza, Leibinz	Mercantilismo e absolutismo Guerra dos Trinta Anos Cromwel Resolução Gloriosa Barroco
XVIII	Berkeley, Hume Iluminismo: Montesquieu, Kant Enciclopedismo: Voltaire, Rousseau	Liberalismo Resolução Industrial (máquina a vapor) Despotismo esclarecido Independência dos EUA Revolução Francesa Barroco Brasileiro, Rococó e Neoclassicismo

Idade Contemporânea		
Século	Filosofia	Contexto Histórico
XIX	Idealismo: Fichte, Schelling, Hegel, Schopenhauer Positivismo: Comte, Taine, Stuart Mill, Spencer Socialismo: Saint-Simon, Fourier, Owen, Proudhon, Feuerbach, Marx e Engels Kierkegaard Nietzsche	Napoleão Rainha Vitória Colonialismo Revoluções liberais Comuna de Paris Independência do Brasil Unificação Italiana Unificação Alemã República Brasileira Independência das colônias americanas Romantismo, realismo, parnasianismo, simbolismo, impressionismo.

## **Século XX**

É difícil proceder à classificação das correntes filosóficas do século XX: em primeiro lugar, trata-se de um período que ainda estamos vivendo, por isso não temos suficientes distanciamento para fazer análises mais objetivas; em segundo lugar, às vezes a classificação se torna uma “camisa de força”, pois “encaixamos” pensadores em correntes que podem ter exercido influência sobre eles, mas com as quais não podem ser plenamente identificados. É o que ocorre com Heidegger, que sempre negou estar entre os existencialistas, ou Foucault e Althusser, entre os estruturais. Além disso, existem casos de influência múltipla, como, por exemplo, Merleau-Ponty e Sartre, que usavam o método da fenomenologia e também sofreram influência do marxismo.

Outros, ainda vivos, têm o seu pensamento em processo, sendo prematura qualquer “rotulação” como é o caso de Habermas que, inicialmente ligado à Escola de Frankfurt, hoje desenvolve um pensamento com características bem específicas e já independentes dos frankfurtianos.

Portanto, é preciso observar o quadro a seguir sob um prisma puramente didático, como ponto de partida para maiores investigações, considerando sempre sua precariedade.

Devido ao elenco de nomes de filósofos do século XX ser muito maior do que os referentes aos períodos anteriores, indicamos primeiro os principais fatos históricos e movimentos artísticos do século XX e, em seguida, as diversas correntes filosóficas.

### ***Acontecimentos históricos***

Primeira Guerra Mundial (1914-1918) Revolução Russa (1917)  
Ascensão do fascismo na Itália (1922) Quebra da Bolsa de Nova Iorque (1929)  
Brasil: Revolução de 30 (Vargas – Fim da República Velha) Portugal: ditadura de Salazar (1932-1968)  
Ascensão do nazismo na Alemanha (1933) Brasil: Estado Novo (1937-1945)  
Espanha: guerra civil; ditadura de Franco (1939-1969) Segunda Guerra Mundial (1939-1945)  
Bomba atômica – Hiroshima e Nagasaki (1945) Brasil: República populista (1945-1964)  
Guerra Fria: EUA x URSS República Popular da China (1949) Revolução Cubana (1959) Descolonização da África e Ásia Brasil: golpe militar de 1964

Brasil: Nova República (1985) Queda do muro de Berlim (1989)  
Desagregação dos Estados socialistas (a partir de 1991)

### **Movimentos artísticos**

Os movimentos artísticos no século XX são muitos e coexistem numa mesma época. Assim, indicamos somente a data de seu surgimento.

1905 – Fauves (França)  
Expressionismo – A ponte (Alemanha)  
1908 – Cubismo (França)  
1090 – Futurismo – Itália  
1911 – Expressionismo abstrato – Cavaleiro azul (Alemanha)  
1913 – Suprematismo (Rússia)  
1916 – Dadaísmo (Suíça)  
1917 – Neoplasticismo – De Stijl (Holanda)  
1924 – Surrealismo (França) Bauhaus (Alemanha)  
Anos 50 – Action-painting (Estados Unidos) Op-art (Estados Unidos)  
Anos 60 – Pop-art Minimalismo Hiper-realismo  
Anos 70 – Arte-conceitual

### **Correntes filosóficas**

**Crítica da ciência:** Ernst Mach (1838-1916), Pierre Dunem (1861-1916), Henri Poincaré (1854-1912)

**Filosofia da matemática (logística):** Gottlob Frege (1848-1925), Giuseppe Peano (1858-1932),

**George Can-Círculo de Viena (positivismo lógico):** Rudolf Carnap (1891-1970), Moritz Schlick (1882-1936).

**Tendências contemporâneas:** Karl Popper (1902), Thomas Kuhn (1922), Imre Lakatos (1922-1974), Paul Feyerabend (1924)

**Epistemologia francesa:** Gaston Bachelard (1884-1922), Maurice Merleau-Ponty (1908- 1961), Michel Foucault (1926-1984).

**Pragmatismo:** William James (1842-1910), Sanders Peirce (1839-1914), John Dewy (1859-1952)

### **Neokantismo:**

**Escola de Marburg:** Hermann Cohen (1842-1918), Ernst Cassirer (1874-1945), Paul Natorp (1854-1924)

**Escola de Baden:** Wilhelm Windelband (1848-1915), Heinrich Rickert (1863-1936)

**Neocriticismo:** Charles Renouvier (1815-1903), Octave Hamelin (1856-1907)

**Espiritualismo Cristão:** Louis Lavelle (1883-1951). René Lê Senne (1883-1954), Maurice Blondel (1861-1949)

**Racionalismo:** Alain (pseud. de Émile-Auguste Chartier, 1868-1951). Léon Brunschvicg (1866-1952)

**Historicismo:** Wilhelm Dilthey (1833-1911)

**Neo-Hegelianismo:** (espiritualista): Giovanni Gentile (1875-1944). Benedetto Croce (1866-1952)

## REFERÊNCIAS

1. ADORNO & HORKEIMER. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. 3. ed.
2. ARISTÓTELES. Ética a Nicômono. in série Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
3. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. Temas de Filosofia. São Paulo: Cia. das Letras, 1991, v. 3.
4. FILOSOFANDO, Introdução à Filosofia. São Paulo. Ed. MODERNA -
5. ARISTÓTELES, Metafísica. Edição trilingue (greco-latino-espanhola). Madrid: Editorial Gredos, 1990.
6. ASSOUN, Paul-Larent. Freud: A Filosofia e os Filósofos. Trad. de H. Japiassú. Rio de Janeiro. F. Alver, 1978.
7. BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
8. CHAUI, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1994.9. \_\_Introdução à história da Filosofia. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. I.
10. DESCARTES, René. Discurso do Método. in série Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Introdução de Gilles-Gaston Granger.
11. GOETHE, J. W. Fausto. trad. David Jardim Jr.: int. Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Ediouro, s/d.
12. HEIDEGGER, Mastin. O que é isto – a filosofia? in Conferências e escritos filosóficos – série Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
13. LALANDE, André. Vocabulário técnico e crítico de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
14. LEFEBVRE, Henri. Lógica formal/lógica dialética. Rio de Janeiro: Civilização brasileira S.A., 1991.

15. PENHA, Antônio Gomes. Freud, as ciências humanas e a filosofia. Rio de Janeiro, Imago, 1994.

16. PERDIGÃO, Paulo. Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L & PM, 1995.

17. PLATÃO. Obras completas. Madrid: Aguilar ediciones, 1993.

## **TRABALHO:**

1. Considerando o que foi estudado neste módulo, escreva um pequeno texto (de 2 a 5 páginas) abordando a seguinte questão:

“A importância da Filosofia como ferramenta para a clínica psicanalítica”.

Observações: Independente do posicionamento (afirmando ou negando a questão) serão avaliados os argumentos utilizados na defesa das ideias.